

"As moscas" símbolo de remorso ou de liberdade?

Na passagem do centenário de nascimento de Jean-Paul Sartre (1905-1980), revela-se ainda de muito interesse reler uma das peças mais emblemáticas da dramaturgia sartriana. Na verdade, **As Moscas** foi a sua primeira peça publicada em 1943 e desde logo marcou o começo de uma problemática bem singular e onde tudo se confina na aceitação exacta da própria liberdade, procurada de forma consciente por Orestes e dentro de uma emotividade que sublima bem a dimensão estética e humana pelo encadear de situações que conferem ao drama toda a profundidade dos seus propósitos. **As Moscas** é um texto que interessa pela denúncia do próprio arrependimento de Egisto no crime de morte de Agaménon e pela assunção da plena consciência de Orestes em relação a si mesmo porque, após a morte do pai e a libertação do povo de Argos, ele vive roído de remorsos.

Dividida em três actos, esta peça de Sartre dá-nos o drama de cada personagem: Egisto é a encarnação do político ansioso por governar e submeter o povo de Argos a uma opressão que se prolongará por muitos anos. Egisto assassina Agaménon, casa depois com Clitemestra, a mulher daquele, e submete a jovem Electra, irmã de Orestes, ao papel de escrava.

Num reino imoral e miserável, em que impera a crença na espantosa força de Júpiter, Egisto toma o lugar de Agaménon no trono, protegido por Júpiter, deus dos deuses e que julga ser também o deus dos homens. Por sua vez, Electra, educada na cidade natal, espera sempre pelo regresso de seu irmão Orestes para vingar a morte de Agaménon e assim libertar o povo de Argos da tirania de Egisto. Mas Orestes foi educado na própria irresponsabilidade e longe da família e quando regressa na companhia de Pedagogo não é para se interessar pela situação do povo de Argos, e diz-lhe: "Eu sou livre!?" E, receando que Orestes expulse ou liquide Egisto, aconselha-o a ser prudente, mas Orestes responde-lhe: "Expulsar Egisto? Podes ficar descansado, meu velho, que já é demasiado tarde. Vontade não me falta de agarrar esse rato de sacristia e arrancá-lo do trono que foi de meu pai. Mas o quê? Que tenho eu a ver com esta gente? Não lhes vi nascer nenhum dos filhos, nem pude assistir às bodas das suas filhas, não compartilho dos seus remorsos e não conheço nem um só dos homens?".

Ora, toda a indecisão de Orestes parece desaparecer a partir do momento em que se encontra com Electra e esta lhe fala dos perigos que corre o povo de Argos e lhe narra o crime praticado por Egisto, com a anuência de sua mãe Clitemestra. Orestes faz passar-se por Filebo, um jovem de Coríntio que está de passagem por Argos e começa aqui a descrever-se o núcleo central de **As Moscas**. É a consciência de Orestes que vai despertar e obrigar Egisto a pagar na mesma moeda o crime que cometeu anos antes. Orestes assassina-o sem piedade, ao mesmo tempo que mata Clitemestra, a própria mãe. Júpiter intervirá nesta altura e exige o total arrependimento de Orestes e de Electra, com a promessa de os colocar no trono de Argos, mas sem deixar de fazer valer a sua força em relação a Orestes. O diálogo entre os dois, já no terceiro acto, revela de forma clara o fio da problemática que Sartre impôs na sua peça.

"Sou eu a causa das espécies se perpetuarem, fui eu quem ordenou que o homem gere sempre outro homem e que o filho de cão seja um cão. Estás no mundo como o espinho na carne ou como o caçador furtivo na floresta senhorial, porque o mundo é bom, dado que o criei segundo a minha vontade e o Bem sou eu?". Mas Orestes não se deixa vencer pelas palavras de Júpiter nem com a ameaça de que o povo de Argos o espera com varapaus para o aniquilar. Não perde a consciência da sua liberdade mesmo quando Júpiter lhe diz: "Nada mais és do que um verme no seio do universo!?" E por isso Orestes responde-lhe: "Que os rochedos me condenem e as plantas murchem à minha passagem, mas não chegará o teu universo inteiro para provar que não tenho razão. És o rei dos deuses, Júpiter, rei das pedras e das ondas do mar. Mas não és o rei dos homens!?" E Orestes clama cheio de orgulho e em plena liberdade: "Não sou senhor nem escravo. Mal me criaste, deixei de te pertencer?", ainda na memória de Vergílio Ferreira invocar em **Estrela Polar** "que nenhum homem tem pais?".

Não há dúvida, pois, que **As Moscas** continua a ser uma peça representativa do teatro moderno, confirmando deste modo o caminho exuberante alcançado depois na dramaturgia sartriana, como por exemplo em **Os Sequestrados de Altona** ou em **As Mãos Sujas**. E assim Sartre continua a ser um escritor de primeiro plano que importa conhecer em todos os domínios da sua expressão: na filosofia, no teatro, no romance e no entendimento existencialista da vida e dos homens a partir dos anos quarenta do século passado.

Por isso, quando os jornais noticiaram a sua morte, acontecida em Paris, na noite de 15 de Abril de 1980, pude registar em "Os Dias a Fio" que Sartre, já cego e velho, soltou o último suspiro como um combatente de largos anos, em vida acidentada, livre e comprometida pelos caminhos da liberdade que a todos soube ensinar. Como filósofo e intelectual, foi um homem de corpo inteiro, porque na verdade, o autor de **A Náusea**, que em 1964 recusou o Prémio Nobel de Literatura para não embarcar em quaisquer compromissos, sempre se revelou como um homem livre e comprometido apenas consigo mesmo. Por entre muitos gritos, protestos, palavras, ideias, normas, códigos éticos e ideológicos, que claramente se espelham em toda a sua obra literária, na passagem dos cem anos do nascimento de Sartre, sabemos como sempre persistiu no mesmo combate de emancipação do homem em todas as latitudes para que um dia talvez deixemos de ser os "idiotas da família".